



# *Sherlock Holmes*

*em:*

## *O cliente ilustre*

*Por Sir Arthur Conan Doyle*

*PDF por ZOHAR (zohar@bol.com.br)*

*CPTurbo.org*

"Agora já não pode fazer mal", disse Sherlock Holmes à guisa de comentário, quando, pela décima vez em outros tantos anos, eu lhe pedi licença para divulgar a seguinte narrativa. Foi assim que, afinal, obtive permissão para publicar aquilo que, sob certos aspectos, foi o momento supremo da carreira de meu amigo.

Tanto Holmes como eu tínhamos um fraco pelo banho turco. Era na aprazível languidez da sala quente, tirando umas baforadas, que eu sempre o encontrava menos reticente e mais humano do que em qualquer outra parte. No andar superior do estabelecimento da Northumberland Avenue, há um recanto isolado onde ficam duas camas, uma ao lado da outra, sobre as quais estávamos deitados no dia 3 de setembro de 1902, data que marca o início da presente narrativa. Eu tinha lhe perguntado se havia alguma novidade, e em resposta ele tirara o braço fino, comprido e nervoso de sob o lençol que o cobria e extraíra um envelope do bolso interno do casaco, pendurado ao seu lado.

— Talvez seja um impertinente qualquer, um tolo que pretende se fazer de importante, mas pode ser também um caso de vida ou morte — disse ele, passando-me o bilhete.

— Sei apenas o que está contido nestas linhas.

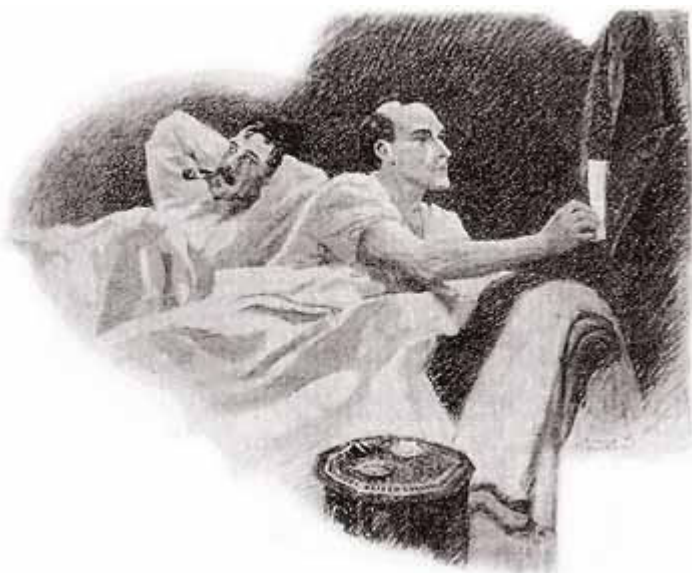
Vinha do Cariton Club e trazia a data da noite anterior. Eis o que li:

"Sir James Damery apresenta seus cumprimentos ao Sr. Sherlock Holmes, a quem fará uma visita amanhã, às 4.30. Pede licença para dizer que o assunto sobre o qual deseja consultar o Sr. Holmes é muito delicado e também muito importante. Confia, pois, em que o Sr. Holmes faça o possível por lhe conceder esta entrevista e que a confirme telefonando para o Carlton Club".

— Não preciso dizer que a confirmei, Watson — disse Holmes, quando lhe devolvi o papel. — Sabe alguma coisa a respeito desse Damery?

— Sei apenas que é muito conhecido na sociedade.

— Pois então vou lhe dar algumas informações. Ele tem fama de saber tratar de assuntos delicados, que não devem ser publicados pela imprensa. Lembre-se das negociações dele com Sir George Lewis sobre o caso Hammerford Will. É um homem que conhece o mundo e que tem queda para a diplomacia. Devo, portanto, esperar que não se trate de uma pista falsa e que ele de fato precise



de nossa assistência.

— Nossa?

— Se quiser ter a bondade de me assistir, Watson.

— Com muita honra.

— Então já sabe a hora: quatro e meia. Até lá, vamos nos esquecer do assunto.

Naquela época, meus aposentos ficavam na Queen Anne Street, mas eu já me encontrava na Baker Street antes da hora aprazada. Precisamente às quatro e meia, o coronel Sir James Damery fez-se anunciar. É quase desnecessário descrevê-lo, pois muitos ainda se lembrarão daquele homem honrado, bonachão, de elevada estatura, rosto largo e escanhado, e, sobretudo, de sua voz suave e agradável. A franqueza brilhava nos seus olhos cinzentos de irlandês, e o bom humor patenteava-se no sorriso dos lábios em constante movimento. Sua cartola reluzente, a sobrecasaca preta, cada pormenor, em suma, de seu traje, desde o alfinete de pérola da gravata de cetim preto até as polainas azul-claras sobre os sapatos de verniz, denotava o meticuloso apuro com que se vestia e que o tornou famoso. O imenso e importante aristocrata dominava a nossa saleta.

— É claro que eu contava encontrar aqui o Dr. Watson — comentou ele com uma mesura. — Sua colaboração pode ser necessária, porquanto desta vez vamos tratar com um homem, Sr. Holmes, para quem a violência é coisa familiar e que, literalmente, não se deterá diante de nada. Eu diria que não há na Europa homem mais perigoso.

— Tenho tido vários oponentes a quem tem sido aplicado esse lisonjeiro epíteto — disse Holmes, com um sorriso. — O senhor não fuma? Então não levará a mal que eu acenda o meu cachimbo. Se o seu homem é mais perigoso que o finado professor Moriarty ou que o coronel Sebastian Moran, que ainda vive, é realmente um adversário de respeito. Pode me dizer o nome dele?

— Já ouviu falar no barão Gruner?

— O senhor se refere ao assassino austríaco?

O coronel Damery, dando uma risada, ergueu as mãos cobertas com luvas de pelica.

— O senhor é insuperável, Sr. Holmes! Maravilhoso! Com que então já o tem na conta de assassino?

— É meu ofício acompanhar os



pormenores do crime no continente. Quem quer que haja lido o que aconteceu em Praga não pode ter dúvidas quanto à culpabilidade do homem. O que o salvou foi unicamente um pormenor legal, de natureza técnica, e a morte suspeita de uma testemunha. Estou tão certo de que ele matou a esposa quando se deu o chamado "acidente" no desfiladeiro de Splugen como se o tivesse visto cometer o crime. Soube também que Gruner tinha vindo para a Inglaterra, e tive um pressentimento de que, mais cedo ou mais tarde, ele me daria algum trabalho. Então, qual foi a última do barão Gruner? Presumo que não tenha voltado ao cartaz a velha tragédia...

— Não, é coisa mais séria. Vingiar o crime é importante, mas preveni-lo ainda o é mais. É uma coisa terrível, Sr. Holmes, ver uma grande tragédia, uma situação atroz, em perspectiva iminente, compreender claramente que desfecho terá, e contudo não poder dar um passo para impedi-la. Poderá um ser humano ver-se colocado em posição mais difícil?

— Talvez não.

— Então o senhor partilhará os sentimentos do cliente cujos interesses estou advogando.

— Eu não tinha percebido que o senhor era apenas um intermediário. Quem é o interessado direto?

— Sr. Holmes, rogo-lhe que não insista nessa pergunta. É de grande importância que eu possa lhe assegurar que seu honrado nome não figurará de maneira alguma neste assunto. As razões dessa pessoa são, até o mais alto grau, honrosas e cavalheirescas, mas ela prefere permanecer incógnita. Não preciso dizer que os honorários do senhor estão garantidos e que terá carta branca no assunto. Não é certo que o verdadeiro nome de seu cliente é de mínima importância?

— Queira desculpar-me — disse Holmes. — Estou habituado a lidar com casos misteriosos, mas mistério demais complica tudo. Receio, Sir James, ter de recusar servi-lo.

Nosso visitante ficou visivelmente perturbado. Seu rosto grande e impressionável revelou emoção e desapontamento.

— O senhor não pode avaliar, Sr. Holmes, o resultado de sua recusa — disse ele. — Vejo-me diante de um dilema muito sério, porquanto tenho certeza de que o senhor se orgulharia de poder se encarregar do caso se eu pudesse lhe apresentar os fatos, e contudo há uma promessa que me impede de revelar tudo. Posso ao menos expor-lhe o que me é permitido?

— Perfeitamente, com a ressalva, porém, de que não me comprometo a coisa alguma.

— De acordo. Em primeiro lugar, o senhor já ouviu falar no general de Merville?

— O que se tornou famoso no caso Khiber? Sim, ouvi falar.

— Ele tem uma filha, Violet de Merville, jovem, rica, formosa, uma criatura prendada em todos os sentidos. É essa filha, uma moça adorável e inocente, que procuramos libertar das garras de um demônio.

— Terá o barão Gruner alguma influência sobre ela?

— A mais forte das influências que um homem pode exercer sobre uma mulher... a influência do amor. O tal tipo, como o senhor talvez tenha ouvido falar, é extraordinariamente simpático, possui maneiras fascinantes, voz agradável, e aquele ar romanesco e misterioso que tanto seduz uma mulher. Dizem que ele dispõe do sexo frágil a seu bel-prazer, e que tira enorme partido dessa prerrogativa.

— Mas como foi que tal homem conheceu uma mulher da posição da Srta. Violet de Merville?

— Foi numa viagem de iate pelo Mediterrâneo. Os componentes do grupo, embora seletos, pagaram cada qual a sua passagem. É claro que os promotores da excursão só muito tarde vieram a saber que espécie de homem era o barão. O canalha insinuou-se no espírito da jovem, e com tal arte que a conquistou inteiramente. Dizer que ela o ama é dizer pouco. A Srta. Violet apaixonou-se loucamente por ele, mais parecendo vítima de uma obsessão. Além dele, nada mais existe para ela no mundo. Não admite que se diga uma palavra contra Gruner. Tudo tem sido tentado para curá-la de sua loucura, mas em vão. Em suma, ela pretende desposá-lo no próximo mês. Como Violet é maior e tem uma vontade de ferro, é quase impossível detê-la.

— Será que ela ignora o episódio da Áustria?

— A astuta raposa contou-lhe os casos mais escabrosos de sua vida passada, mas de tal modo que se transforma sempre em vítima, em mártir. Ela aceita cegamente a versão que ele oferece dos fatos, e não quer saber de nenhuma outra.

— Que absurdo! Mas o certo é que o senhor, por inadvertência, deixou escapar o nome de seu cliente, não é verdade? É evidente o general de Merville.

Nosso visitante mexeu-se, inquieto, na cadeira.

— Eu podia muito bem enganá-lo, concordando com o que o senhor diz, Sr. Holmes, mas não seria verdade. De Merville é hoje um homem alquebrado. O bravo militar ficou profundamente abatido com esse incidente. Perdeu a energia que jamais lhe faltou no campo de batalha e tornou-se um velho fraco, medroso, completamente incapaz de enfrentar um patife tão atilado e robusto como o tal austríaco. Todavia, meu cliente é um velho amigo, um homem que durante muitos anos conheceu o general na intimidade e acabou por tomar um interesse paternal pela pequena, desde o tempo em que ela usava saia curta. Não admite a idéia de ver se consumar essa catástrofe sem fazer alguma

tentativa de impedi-la. A Scotland Yard nada pode fazer nesse ponto. Foi meu próprio cliente que sugeriu que se pedisse a sua ajuda, mas, conforme já disse, com a cláusula expressa de que ele não fosse pessoalmente envolvido no assunto. Não duvido, Sr. Holmes, de que, com sua grande perspicácia, o senhor facilmente possa, seguindo-me o rastro, descobrir a identidade de meu... digamos, constituinte, mas devo pedir-lhe, por quem é, que se abstenha de fazê-lo. Por favor, deixe-o ficar incógnito.

Holmes sorriu enigmaticamente.

— Não me é difícil prometé-lo — disse. — Posso acrescentar que seu problema me interessa e que estou disposto a tratar dele. Como poderei me comunicar com o senhor?

— Posso ser encontrado no Carlton Club. Mas, em caso de necessidade, pode utilizar um número telefônico particular: XX. 31.

Holmes anotou-o e sentou-se, ainda sorrindo, com o bloco aberto sobre o joelho.

— Por favor, qual o endereço atual do barão?

— Vernon Lodge, perto de Kingston. É uma casa grande. Ele foi feliz em certas especulações um tanto suspeitas, e é hoje um homem rico, o que o torna, como é natural, um antagonista ainda mais temível.

— Presentemente está aqui?

— Sim.

— Além do que o senhor já me disse, pode me dar mais algumas informações acerca do homem?

— Tem gostos de ricaço. Adora cavalos. Há algum tempo, jogava pólo em Hurlingham, mas depois, com a divulgação do escândalo de Praga, teve que desistir. Coleciona livros e quadros. Possui considerável gosto artístico. É, creio eu, reconhecida autoridade em cerâmica chinesa, tendo escrito um livro sobre o assunto.

— Um espírito complexo — comentou Holmes. — Todos os grandes criminosos são assim. Meu velho amigo Charles Peace era um violinista excepcional. Wainwright era um artista não menos dotado. Poderia citar outros. Bem, Sir James, o senhor pode informar seu cliente de que estarei com o espírito voltado para o barão Gruner. Mais não posso dizer. Disponho de algumas fontes de informação próprias e ousa dizer que podemos encontrar meios de encaminhar o assunto.

Depois de nosso visitante se retirar, Holmes de tal modo se embebeu em seus próprios pensamentos que supus que se esquecera de minha presença ali. Mas, afinal, voltou a si com a alacridade habitual.

— Então, Watson, que lhe parece? — perguntou.

— Penso que você devia entrar em contato com a própria jovem.

— Meu caro Watson, se o pobre pai, velho e alquebrado, não consegue movê-la, como o conseguirei eu, que sou um estranho? Todavia, se tudo o mais falhar, sua sugestão poderá ser útil. Acho, porém, que devemos começar por um setor diferente. Tenho a impressão de que Shinwell Johnson pode nos prestar auxílio.

Ainda não tive ocasião de mencionar Shinwell Johnson nestas memórias porque raramente minhas histórias são extraídas da fase mais recente da carreira de meu amigo. Durante os primeiros anos do século, ele se tornou um valioso auxiliar. Johnson, sinto dizê-lo, criou fama primeiro como indivíduo perigoso, e duas vezes cumpriu pena na prisão de Parkhurst. Finalmente, arrependeu-se e tornou-se aliado de Holmes, trabalhando como seu agente nos piores antros de crime de Londres e colhendo informações que às vezes tinham importância vital. Se Johnson fosse um espião da polícia, seria logo descoberto e evitado; porém, como tratava de casos que não chegavam diretamente aos tribunais, suas atividades nunca eram percebidas pelos companheiros. Com o prestígio de ter sido sentenciado duas vezes, tinha entrada em qualquer clube noturno, em qualquer albergue, em todas as casas de jogo da cidade, e sua observação rápida e seu cérebro ativo tornavam-no o agente ideal para obter informações. Era a esse homem que Sherlock Holmes tencionava recorrer agora.

Não me foi possível acompanhar de perto as providências imediatas tomadas pelo meu amigo, porque deveres profissionais me chamaram a outro lugar, mas, por combinação prévia, naquela noite encontrei-me com ele no Simpson's, onde, sentado a uma mesinha perto da janela da frente e olhando lá embaixo o movimento intenso que ia pelo Strand, contou-me algo do que tinha se passado.

— Johnson está de sobreaviso — disse Holmes. — É muito possível que apanhe alguma coisa no monturo que frequenta, porque é ali, entre as raízes negras do crime, que haveremos de surpreender os segredos do tal barão.

— Mas, se a jovem dama não quer aceitar o que já é conhecido, como poderá movê-la de seu intento qualquer descoberta que você venha a fazer?

— Quem sabe, Watson? O coração e a mente de uma mulher são um enigma para nós, homens. Um homicídio pode ser perdoado ou explicado, e, no entanto, às vezes um crime menor é como uma ferida que fica sangrando. O barão Gruner me disse...

— Disse a você?

— Oh, é claro, esqueci que não lhe contei meus planos! Pois bem, Watson, gosto de entrar em contato direto com o meu homem. Gosto de observá-lo bem

e de verificar por mim mesmo o material de que é feito. Depois de ter dado instruções a Johnson, tomei um carro que me levou a Kingston e encontrei o barão de muito bom humor.

— Ele o reconheceu?

— Quanto a isso, não houve dificuldade, simplesmente porque lhe mandei meu cartão de visitas. Ele é um excelente adversário, frio como o gelo, de voz sedosa, suave como certos elegantes clientes seus, e venenoso como uma cobra. Tem linhagem, é um verdadeiro aristocrata do crime, com uns laivos de burguês e toda a crueldade do homem sem escrúpulos. Sim, estou feliz por terem feito voltar a minha atenção para o barão Adelbert Gruner.

— Diz que o achou afável?

— Sim. A afabilidade do gato que sonha com ratinhos apetitosos. Há cortesias mais mortíferas que a violência dos réprobos. O cumprimento foi característico.

"— Eu esperava sua visita mais cedo ou mais tarde, Sr. Holmes — disse. — O senhor, sem dúvida, foi contratado pelo general de Merville para tentar frustrar meu casamento com sua filha Violei. É ou não verdade?

"Concordei.

"— O senhor, meu caro amigo — prosseguiu ele —, vai arriscar sua merecida reputação. Este não é um caso em que o senhor tenha possibilidade de êxito. Perde seu tempo, e ainda por cima corre perigo. Permita-me que o aconselhe encarecidamente a levantar o cerco o quanto antes.

"— É curioso — respondi —, mas era exatamente esse o conselho que eu pretendia lhe dar. Sua inteligência merece o meu respeito, barão, e o pouco que conheço de sua personalidade não diminuiu esse respeito. Falemos de homem para homem. Não é intuito de ninguém molestá-lo revolvendo as cinzas do seu passado. O que passou passou, e o senhor agora está como quer, mas se insistir nesse casamento, provocará uma chusma de inimigos poderosos que não o deixarão em paz até obrigá-lo a sair deste país. Acha que vale a pena? Seria certamente mais prudente que o senhor deixasse a jovem em paz. Não seria nada agradável para o senhor que ela viesse a saber do seu passado.

"O barão tem sob o nariz umas pontinhas de pelo crescidas, que parecem as curtas antenas de um inseto. Elas vibravam de prazer enquanto ele ouvia, e, finalmente, ele não conseguiu abafar uma risadinha.

"— Desculpe eu rir, Sr. Holmes — disse ele —, mas é realmente engraçado o senhor querer começar o jogo sem cartas na mão. Creio que ninguém o faria melhor que o senhor, mas em tais condições é de dar dó. Desista, Sr. Holmes, pois não tem a mínima probabilidade de êxito.

"— É o que lhe parece.



"— É o que sei. Deixe-me explicar-lhe bem o assunto, pois minha mão é tão forte que não me custa mostrá-la. Tive a felicidade de conquistar todo o afeio daquela jovem. Esse afeto me foi dado apesar de eu lhe haver referido com muita clareza todos os infelizes incidentes de minha vida passada. Disse-lhe também que certas pessoas mal-intencionadas e intrigantes (creio que o senhor não terá dificuldade em reconhecer-se a si próprio) iriam lhe contar essas coisas, e preveni-a de como devia tratar tais pessoas. Já ouviu falar em sugestão pós-hipnótica, sr. Holmes? Pois verá o efeito disso, porque um homem de personalidade pode usar o hipnotismo sem lançar mão de passes e de quejandas tolices. Dessa forma, Violeta estará pronta para recebê-los, pois se submete facilmente à vontade do pai, menos no nosso assunto.

"Bem, Watson, pareceu-me que não havia mais nada a dizer, por isso despedi-me com a mais fria dignidade de que fui capaz. Porém, quando estava com a mão na maçaneta da porta, ele me deteve.

"— A propósito, Sr. Holmes — disse —, o senhor conheceu Le Brun, o agente francês?

"— Sim, conheci — respondi.

"— Sabe o que lhe aconteceu?

"— Ouvi dizer que foi agredido por alguns apaches no bairro de Montmartre e ficou marcado para toda a vida.

"— Exato, Sr. Holmes. Por uma curiosa coincidência, ele resolvera se intrometer nos meus negócios apenas uma semana antes. Não faça tal coisa, sr. Holmes, que pode se arrepender. Várias pessoas constataram isso por experiência própria. Minha última recomendação é esta: siga o seu caminho e deixe-me seguir o meu. Até outra vez.



"Aí está, Watson. Você tem todos os dados."

— O sujeito parece perigoso.

— Perigosíssimo. Do fanfarrão eu não faço caso, mas ele é daqueles homens que fazem mais do que ameaçar.

— Você vai realmente intervir no caso? Que mal faz que ele case com a moça?

— Considerando que Gruner, sem sombra de dúvida, assassinou sua última mulher, acho que faz muito mal que se case com Violeta. Além disso, e o

cliente? Bem, não precisamos discutir o assunto. Quando você acabar de beber seu café, seria bom que viesse comigo a casa, pois o risonho Shinwell deve estar lá com suas informações.

Lá o encontramos efetivamente. Johnson era um homem imenso, rude, corado, escorbútico, de olhos negros e vivos, único sinal exterior do seu espírito atilado. Parece que mergulhara no seu elemento. A seu lado, no canapé, estava uma regenerada que trouxera, sob a aparência de uma mulher nova, esbelta e ardente, de rosto pálido, nervoso e juvenil, e contudo tão estragada pelo vício e pela dor que era visível a marca que os terríveis anos de boêmia lhe haviam deixado.

— Esta é a Srta. Witty Winter — disse Shinwell Johnson, fazendo um vago gesto de apresentação com a mão gorda. — O que ela não souber... bem, deixe-a falar por si. Apanhei-a logo, Sr. Holmes, uma hora depois de ter recebido seu recado.

— Sou fácil de encontrar — disse a mulher. — Neste inferno aqui de Londres acham-me a qualquer hora. Porky Shinwell tem meu endereço. Porky e eu somos velhos camaradas. Mas, com os diabos! Há um outro que devia estar num inferno pior que o nosso, se houvesse justiça no mundo. É o homem com o qual o senhor quer ajustar contas, Sr. Holmes.

Sherlock sorriu.

— Pelo que vejo, podemos contar com sua boa vontade, Srta. Winter.

— Se eu puder ajudar a mandá-lo para o lugar que ele merece, conte comigo enquanto me restar um sopro de vida — disse a nossa visitante com feroz energia. Notava-se um ódio intenso em seu rosto branco e imóvel e em seus olhos chamejantes, um ódio tal que dificilmente se pode ver numa criatura humana. — Sr. Holmes, não é preciso que o senhor remexa o meu passado. De que adiantaria? O que sou, devo-o a Adelbert Gruner. Se eu pudesse aniquilá-lo! — Fazia gestos desvairados, socando o ar com o punho fechado. — Oh, se eu pudesse atirá-lo no abismo a que ele arrastou tanta gente!

— A senhorita sabe em que pé está o caso?

— Porky Shinwell falou-me. O patife anda atrás de outra pobre tola, e desta vez pretende se casar com ela. O senhor quer ver se o impede. É claro que, conhecendo aquele demônio como conhece, deseja evitar que qualquer moça decente e que esteja em seu juízo perfeito una o seu destino ao dele.

— Ela perdeu o juízo. Está loucamente apaixonada. Apesar de lhe terem contado toda a sua história, não dá importância a nada.

— Falaram-lhe no assassinato?

— Falaram.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

